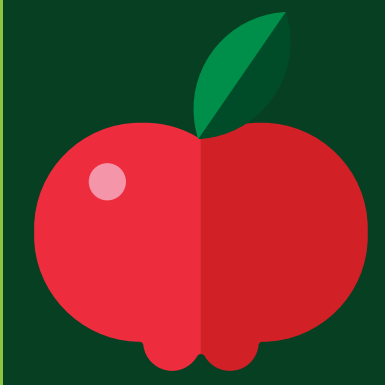
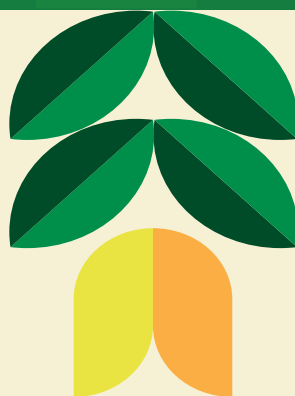
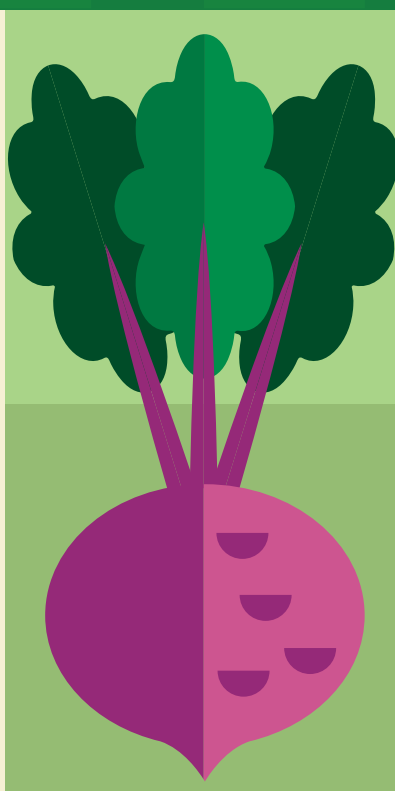
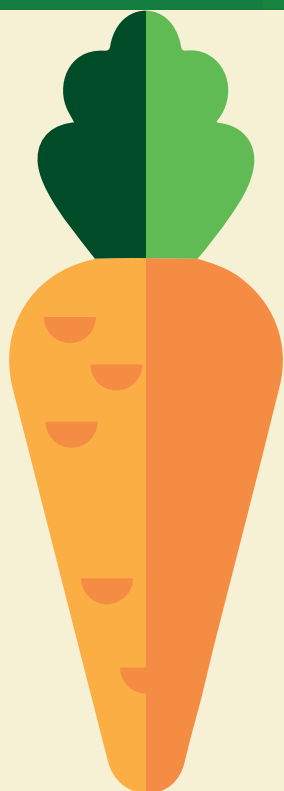


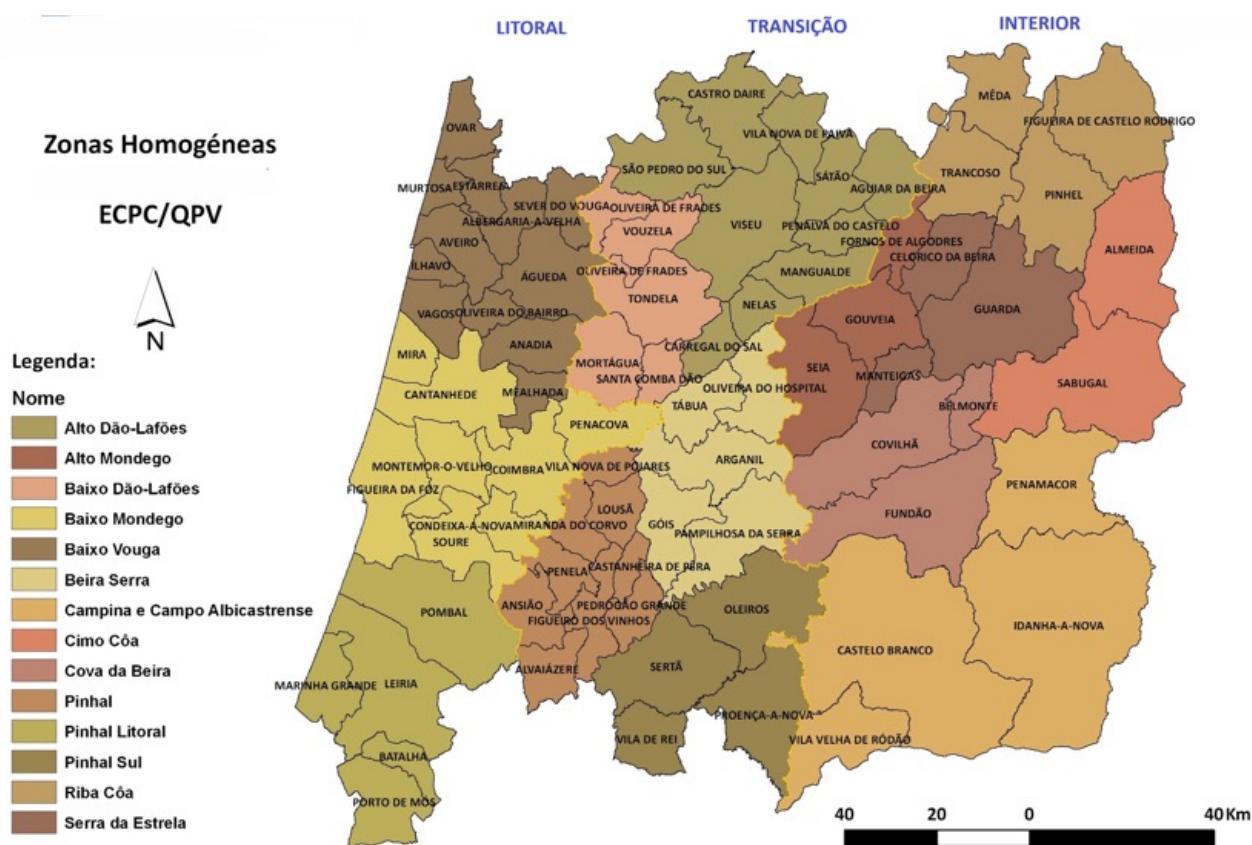
Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da Região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Cõa, Cimo Cõa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de praga, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

O ECPC constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da CCDR Centro.

O INE sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional, publicando o Boletim Mensal de Agricultura e Pescas e um destaque para a comunicação social.

ÍNDICE

1 . Estado do tempo e sua influência na agricultura.	4
2 . Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.	5
3 . Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.	8
4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.	13
5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.	14
6-e . Culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol. Estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade.	22
9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.	26



1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas zonas do litoral, no Baixo Vouga, o mês de setembro apresentou-se de um modo geral, seco e quente, com as temperaturas médias máxima de 27,0.°C e mínima de 15,9.°C, registando-se uma temperatura média de 21,4.°C, na maior parte dos concelhos. A precipitação foi praticamente inexistente o que, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciaram o estado das pastagens de sequeiro, assim como, dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas, assim como, em alguns casos a antecipação da vindima para evitar situações de escaldão do fruto.

Na zona homogênea do Baixo Mondego, tanto as temperaturas máximas como mínimas registadas este mês foram maioritariamente elevadas e, portanto, muito acima do normal para a época do ano. Registaram-se duas ondas de calor no mês de setembro, com a temperatura máxima a chegar aos 39.°C, configurando uma situação meteorológica atípica para esta altura do ano. Ocorreu a antecipação das colheitas, devido ao encurtamento dos ciclos vegetativos, nomeadamente na cultura do milho e do arroz, resultantes da resposta das plantas ao stress hídrico provocado pelas elevadas temperaturas. Isto poderá levar à redução das produtividades médias das culturas, no geral.

No Pinhal Litoral, as condições meteorológicas registadas nas várias estações da região revelaram um cenário marcadamente quente e seco. As temperaturas médias foram, na maioria dos dias, elevadas, com vários episódios acima dos 23-26.

°C, especialmente entre 3 e 14 de setembro, o que favoreceu o desenvolvimento das culturas de verão, mas aumentou simultaneamente o risco de stress térmico e hídrico. Após meados do mês, observaram-se descidas para valores entre 14 e 18.°C, que reduziram a taxa de crescimento das culturas mais sensíveis e promoveram maior formação de orvalho. Estas condições meteorológicas (temperaturas médias persistentemente elevadas, ausência quase total de precipitação, insolação intensa e humidade relativa muito alta durante a noite e início da manhã) aceleraram a maturação de várias culturas e obrigaram à realização de colheitas mais precoces do que o habitual.

Nas zonas de transição, no Pinhal, o mês pautou-se por temperaturas anormalmente altas e com precipitação escassa, condicionando a produção de matéria verde. As vindimas foram realizadas em praticamente toda a zona. No olival, aproximou-se a apanha da azeitona, tendo havido lugar a tratamentos fitossanitários para a mosca-da-azeitona e para a gafa. Nos soutos, as variedades mais precoces já entraram em produção. Nas fruteiras, encontram-se em fase de colheita as romãzeiras, diospireiros, macieiras e marmeleiros, sempre numa escala de agricultura familiar.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, setembro continuou quente e sem ocorrência de precipitação. Na maior parte das vinhas sem rega foi antecipada a vindima em cerca de 3 semanas, as regadas encontram-se já em final de vindima antecipando-a em 1 ou 2 semanas relativamente ao ano passado. Da mesma forma, a azeitona inicia o processo de maturação e a maioria dos lagares tenciona abrir a época a partir de 1 de outubro.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, durante o mês de setembro,

as temperaturas mantiveram-se elevadas e precipitação muito reduzida, contribuindo para a antecipação da maturação, sobretudo na vinha e nas árvores de fruto.

No Pinhal Sul, o mês de setembro foi caracterizado por temperaturas muito elevadas. As temperaturas médias, tanto máximas como mínimas, foram significativamente superiores às registadas em setembro do ano anterior. A precipitação foi praticamente nula. O olival já evidencia sinais de necessidade de água, situação que se verifica igualmente nas restantes culturas não regadas. As pastagens naturais encontram-se secas e, a manter-se a ausência de precipitação, os solos tenderão a apresentar níveis de humidade cada vez mais baixos. Esta situação poderá dificultar e atrasar as operações de preparação dos terrenos para as sementeiras de outono/inverno.

Nas **zonas do interior**, no geral, as temperaturas elevadas e a disponibilidade de água no solo provocando algum stress hídrico e térmico com efeitos no desenvolvimento, produtividade e qualidade das culturas, principalmente nas de sequeiro.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, não foram registadas grandes alterações no estado do tempo este mês, não choveu e desceram as temperaturas. Verificou-se, em quase todas as culturas, algum avanço no início das colheitas, principalmente a da vinha que antecipou uma semana.

Na Cova da Beira e na Serra da Estrela, a quase ausência de precipitação acompanhada de temperaturas com valores acima do normal para a época, por vezes com ventos moderados, contribuíram ainda mais para a rápida secagem das culturas forrageiras de sequeiro ainda existentes e das pastagens de sequeiro existentes em solos mais frescos, principalmente a norte da Cova da Beira e na Serra da Estrela. Estes fatores, agravaram também alguns problemas de queda de azeitona, o aparecimento da mosca-da-zeitona, mosca-da-fruta e o bichado, nomeadamente maçã e pera. Comprometeu também a preparação das terras para as sementeiras outono-invernais.

Na Campina e Campo Albicastrense, o mês decorreu na sua grande maioria com

temperaturas demasiado elevadas para a época do ano. Foi também um mês extremamente seco, registando-se apenas precipitação fraca nos últimos dias. As condições meteorológicas verificadas foram desfavoráveis à proliferação da mosca-da-zeitona, contribuindo para a redução da intensidade dos ataques da praga. Permitiram também realizar as vindimas em boas condições e prolongar o período de colheita do feijão-frade. Pelo contrário a ausência de precipitação impediu a renovação das pastagens e limitou o aumento da massa verde das culturas forrageiras ainda em produção. No olival a ausência de precipitação acentuou os sintomas do deficit hídrico observado nalgumas oliveiras.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de setembro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de setembro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal..

De um modo geral não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, A nível biótico foram exceção os seguintes casos:

- Na zona homogénea do Baixo Mondego (zona do litoral), no caso do milho a presença de cicadelídeos, brocas, desfolhadora do milho e ferrugem. Também se constata a presença de infestantes como a junça na cultura da batata; de milhã e arroz-bravo na cultura do arroz. Os campos agrícolas encontram-se com maior presença de figueira do inferno.

- No Pinhal Litoral (zona do litoral), apesar da ausência quase total de precipitação, a humidade relativa máxima atingiu frequentemente valores próximos de 100%, criando condições favoráveis ao desenvolvimento de doenças fúngicas, sobretudo míldio, oídio e podridões em hortícolas. No olival, a mosca-da-azeitona apresentou ataques intensos e frequentes, com frutos muito picados, sobretudo em parcelas menos protegidas. A conjugação de temperaturas amenas e humidade elevada criou condições ideais para a evolução da praga. A presença de picadas facilitou também a instalação de gafa, agravada pela fase de pintor, originando apodrecimento e perdas adicionais. Nas macieiras, as variedades de colheita tardia, como Golden, Fuji, e Reinetas, foram particularmente afetadas. A mosca-da-fruta, com voo muito elevado durante todo o período, provocou estragos significativos, aumentando a percentagem de frutos picados e reduzindo a qualidade comercial. Paralelamente, o bichado manteve atividade relevante, favorecido pelas temperaturas altas e pela ausência de precipitação. Nos citrinos precoces, a mudança de cor coincidiu com condições meteorológicas que favoreceram a atividade da mosca-da-fruta, aumentando a suscetibilidade dos frutos ao ataque e originando perdas por queda e deterioração. Na vinha, as doenças do lenho continuaram a manifestar-se, enfraquecendo as plantas e reduzindo a sua produtividade, com

prejuízos que ultrapassam o esperado para esta fase do ciclo.

- No Pinhal (zona de transição), o foco é agora o olival, tendo os olivicultores levado a cabo tratamentos fitossanitários direcionados à mosca-da-azeitona e sobretudo à gafa, fungo que reúne agora condições ótimas para a sua disseminação.

- Tanto na Beira Serra como no Alto Mondego (zona de transição), no início do mês foi necessário fazer tratamento contra a mosca no olival; verificando-se ataque severo nos olivais não tratados, o que trará inevitavelmente uma quebra na produtividade e uma diminuição na qualidade do azeite.

- No Pinhal Sul (zona de transição), há já alguma azeitona picada nos olivais não tratados.

- Na Campina e Campo Albicastrense (zona de interior), devido às condições climáticas do mês em análise (temperaturas altas e ausência de precipitação), no geral os olivais apresentam ataques de mosca-da-azeitona reduzidos. Os olivais onde aparecem azeitonas picadas pela mosca são sobretudo os olivais tradicionais de variedades de azeitona mais adiantadas e com mais polpa. Os olivais intensivos (figuras 1 e 2) e superintensivos são menos propensos a ataques da mosca-da-azeitona porque este tipo de olival usualmente é tratado contra a referida praga.

Fig. 1 - Olival intensivo.





Fig. 2 - Pormenor olival intensivo.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de setembro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Citrinos – mosca-do-Mediterrâneo ou mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*); mosca-branca (*Aleurothrixus floccosus/Dialeurodes citri*); alternariose (*Alternaria citri*); antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*); míldio-dos-citrinos; gomose (*Phytophthora* spp.); rachamento fisiológico dos frutos.

Olival – mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*); gafa (*Colletotrichum* spp.); olho-de-pavão (*Fusicladium oleagineum*); cercosporiose (*Cercospora cladosporioides*) e ronha ou tuberculose (*Pseudomonas savastanoi* pv. *savastanoi*).

Pomóideas – bichado da fruta (*Cydia pomonella*); mosca-do-Mediterrâneo ou mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*); doenças de conservação; podridões dos frutos: podridão-olho-de-boi (*Neofabraea alba*, syn. *Cryptosporiopsis perennans*), podridão-amarga (*Colletotrichum* spp., syn. *Gloeosporium*) e podridão-cinzenta (*Botrytis cinerea*).

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras) – cerejeiras e pessegueiros – cancro bacteriano (*Pseudomonas syringae*).

Vinha – doenças do lenho (esca, eutipiose, doença de Petri).

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a escassez de pluviosidade, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciaram o estado das pastagens de sequeiro, assim como, dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas. A colheita do milho forrageiro de sequeiro iniciado no último mês está praticamente terminada e o de regadio ainda está a decorrer, prevendo-se uma produção semelhante ao do ano anterior, assim como, a sua qualidade. Nas espécies pecuárias, a alimentação animal recorre em grande parte ao pastoreio direto complementada com fenos e palhas, a silagens e rações industriais. Esta prática é realizada essencialmente com as vacas secas, novilhos de aptidão de carne e pequenos ruminantes tendo grandes vantagens económicos para o agricultor.

No Baixo Mondego, as culturas pratenses revelaram uma diminuição no desenvolvimento vegetativo. Estão a finalizar-se as colheitas de silagem de milho, prevê-se que as produções sejam um pouco inferiores em relação ao ano passado. A alimentação animal baseia-se sobretudo em fenos, forragens conservadas e adequados arrazoamentos. O pastoreio direto foi um pouco mais limitado, privilegiando zonas mais sombreadas e mais perto de linhas de água. O abeberamento animal continua a estar assegurado.

No Pinhal Litoral, o estado vegetativo das pastagens e prados apresentou comportamentos distintos entre sequeiro e regadio, refletindo a influência direta das condições meteorológicas quentes, secas e com humidade relativa elevada ao amanhecer. As pastagens de sequeiro evidenciaram um crescimento limitado, com redução da disponibilidade de matéria verde devido

à ausência de precipitação e às temperaturas elevadas que aceleraram a senescência das plantas. A vegetação manteve-se baixa e pouco densa, com menor capacidade de rebrote, o que condicionou a oferta de pasto natural para os efetivos pecuários. Em contraste, os prados de regadio mantiveram um estado vegetativo mais favorável, com crescimento contínuo e produção estável, beneficiando da rega regular que compensou o défice hídrico e permitiu assegurar uma disponibilidade mais consistente de forragem verde. Nas forragens anuais, o comportamento foi globalmente positivo. O milho para silagem apresentou boa produção (idêntica à do ano passado) com espigas bem formadas e elevado potencial de matéria seca, refletindo a eficácia da rega e a adaptação da cultura às condições de calor. As condições de alimentação dos efetivos pecuários foram influenciadas pela menor disponibilidade de pasto natural em sequeiro, obrigando a um maior recurso a alimentos conservados. A oferta de forragem verde foi mais limitada nas áreas não irrigadas, enquanto nos prados de regadio se manteve suficiente para assegurar parte das necessidades dos animais. O recurso a fenos, silagens e rações industriais foi superior ao do período homólogo do ano anterior, sobretudo nas explorações sem acesso a regadio, onde a quebra de produção das pastagens foi mais evidente. As silagens, particularmente a de milho, assumiram um papel central na dieta dos bovinos de leite e carne, garantindo o aporte energético necessário. Os fenos continuaram a ser utilizados, embora a sua disponibilidade dependa da produção primaveril, que foi irregular. As rações industriais mantiveram-se como complemento indispensável, assegurando o equilíbrio nutricional em fases de maior exigência fisiológica.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a chuva do final de agosto trouxe uma inesperada produção de matéria verde no início do mês. Possibilitou o pastoreio, mas as semanas seguintes de temperaturas altas inibiram a continuação do ciclo cultural em forragens espontâneas. A chuva do final de setembro poderá sim iniciar o ciclo cultural para produção de fenos, com temperaturas amenas e retenção de humidade no solo. Ainda sem mobilização de solos para novas sementeiras.

No Alto Mondego e na Beira Serra, os pastos dos lameiros já totalmente fenecidos apenas servem para “entreter” o gado. As forrageiras já colhidas e armazenadas, apresentaram boa produtividade. Houve aumento de consumo de alimentos concentrados e conservados, superior ao normal para a época.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais, foi condicionado pelas condições meteorológicas registadas, caracterizadas por temperaturas elevadas, sobretudo no início do mês, e por períodos de reduzida disponibilidade de água. Sobretudo nas áreas de sequeiro, esta situação teve reflexos negativos quer na quantidade quer na qualidade da matéria verde disponível para o pastoreio. Nos prados de regadio, a manutenção do potencial produtivo esteve dependente da disponibilidade de água para rega e da sua regularidade. Nas explorações com acesso a água em quantidade suficiente, o regadio permitiu manter níveis de produção de forragem superiores aos observados nas áreas de sequeiro, assumindo estes prados particular importância na alimentação dos efetivos pecuários. Contudo, a produção de forragem não se revelou suficiente para suprir integralmente as necessidades alimentares dos efetivos. As culturas forrageiras anuais foram igualmente condicionadas pelas condições de temperatura e humidade do solo. Nas situações em que a disponibilidade de água não foi suficiente, verificou-se maior risco de stress hídrico, ligeira redução do crescimento e da produção de biomassa. A produção de forragem verde revelou-se, contudo, insuficiente para assegurar integralmente as necessidades alimentares dos efetivos, levando ao reforço da utilização de fenos e silagens e, quando necessário, à suplementação com rações industriais. Estima-se uma redução da produção de forragem verde nas culturas forrageiras de cerca de 5% a 15% face ao mesmo período do ano anterior, podendo ser superior nas pastagens de sequeiro. Nos prados de regadio, a produção mantém-se idêntica à do ano anterior, devido à disponibilidade e regularidade da água de rega. No geral, comparativamente ao ano anterior, estima-se uma redução de forragem verde de cerca de 10%.

No Pinhal Sul, os prados e as pastagens naturais encontram-se secos e praticamente esgotados, como é habitual nesta altura do ano. Os animais continuam a pastoreá-los (figura 3), sendo, no entanto, suplementados com palha e feno.



Fig. 3 - Ovinos em pastoreio.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas no geral, apresentam um razoável estado vegetativo, verificando-se em algumas zonas, contudo, algum stress hídrico pela falta de chuva. Para já, não há necessidade de recorrer a forragens armazenadas e a suplementos alimentares. Os suplementos são especialmente utilizados na criação do efetivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, a precipitação ocorrida nos últimos dias de agosto, induziu a germinação de algumas espécies pratenses de sequeiro que com a continuação do tempo quente e seco ao longo do mês de setembro, tornaram-se inviáveis como se previa. As temperaturas elevadas para a época, assim como, a ausência de precipitação, vieram aumentar o stress hídrico das espécies pratenses e forrageiras de sequeiro (figura 4).



Fig. 4 – Prado permanente de sequeiro em zona de montanha, Guarda (Serra da Estrela).



Fig. 5 – Prado permanente de regadio (Serra da Estrela).

As culturas forrageiras de sequeiro, principalmente sorgo e milho, foram beneficiadas com a precipitação ocorrida nos últimos dias do mês transato. As pratenses e as forrageiras de regadio, apresentaram melhores acréscimos de matéria verde uma vez que beneficiaram da temperatura mais elevada e da humidade necessária ao seu bom desenvolvimento (figura 5).



Fig. 6 – Palha de ervilhaca comprada.



Fig. 7 – Restos de sorgo após o pastoreio.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pastagens da produção de outono-inverno, intensivamente pastoreadas encontram-se no final do seu ciclo de utilização, registando-se já uma disponibilidade limitada de forragem para pastoreio. Neste contexto, alguns produtores anteciparam a compra de forragens conservadas (figura 6) e de alimentos concentrados para assegurar a alimentação dos animais.



Fig. 8 - Restos de milharada após o pastoreio.



Fig. 9 - Sorgo com massa verde disponível para pastoreio.

As forrageiras de primavera-verão foram aproveitadas ao máximo (figuras 7 e 8), mantendo-se, contudo, uma disponibilidade moderada de forragens verdes para serem pastoreadas (figuras 9 e 10).



Relativamente ao último relatório, reduziu-se a estimativa da produtividade das forrageiras de primavera/verão de sequeiro (milho e sorgo), tendo em conta a menor produtividade das culturas instaladas em zonas mais declivosas, com menor capacidade de retenção de água.

4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as colheitas de cereais praganosos estão concluídas. Como se previa, depois uma primavera bastante húmida seguida de um verão quente e seco, a colheita destas culturas, de uma maneira geral, trouxe produções inferiores relativamente à quantidade com qualidade idêntica, em relação ao último ano.

No Baixo Mondego, estão concluídas as colheitas destas culturas, as quais sofreram uma diminuição na produção resultante das condições adversas registadas aquando da instalação da sua instalação e ao longo do seu desenvolvimento vegetativo, sujeito a chuvas intensas e constantes.

No Pinhal Litoral, a campanha dos cereais praganosos decorreu de forma irregular, marcada pelas condições meteorológicas quentes e secas que dominaram grande parte do ciclo produtivo. A ausência

de precipitação durante fases críticas e a ocorrência de temperaturas elevadas condicionaram o desenvolvimento vegetativo, resultando em povoamentos menos densos e menor expressão foliar em várias parcelas. Quanto à produção, verificou-se uma quantidade muito inferior ao potencial em várias explorações, sobretudo nas parcelas de sequeiro mais expostas ao calor e à falta de precipitação. O rendimento por hectare foi, em geral, fraco a muito fraco, refletindo a menor capacidade de enchimento dos grãos. A irregularidade na emergência e o menor número de espigas por metro quadrado contribuíram para esta redução. Ainda assim, em solos mais profundos ou com alguma reserva hídrica, os rendimentos aproximaram-se dos valores médios da região.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas de sementeira outono-inverno estão já colhidas, confirmando-se a previsão de uma diminuição da produtividade.

No Alto e Baixo Dão-Lafões, estas culturas encontram-se maioritariamente em fase de colheita concluída ou em fase final. O tempo seco registado durante o período de maturação e colheita facilitou as operações de ceifa e debulha. Em termos produtivos, prevê-se uma ligeira diminuição da produção relativamente ao ano anterior, embora com diferenças entre culturas e parcelas. As condições meteorológicas, nomeadamente a reduzida disponibilidade hídrica e as temperaturas elevadas, condicionaram o seu desenvolvimento, sobretudo durante as fases de enchimento e maturação do grão. Quanto à qualidade, as condições secas verificadas durante a maturação e a colheita foram geralmente favoráveis à realização das operações e à obtenção de grãos com baixo teor de humidade. Contudo, nas parcelas mais afetadas pelo stress hídrico, observaram-se algumas limitações ao nível do peso e calibre do grão. A produção deverá ser ligeiramente inferior à registada no ano anterior.

No Pinhal Sul, a colheita dos cereais praganosos já foi realizada, tendo-se registado uma produção inferior à do ano anterior, devido sobretudo ao atraso das sementeiras e, posteriormente, às altas temperaturas registadas durante a fase de maturação do grão.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba e Cimo Côa, estão terminadas as colheitas destas culturas, estimando-se que a produção em termos de quantidade e qualidade seja idêntica ao ano anterior.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, estas culturas estão colhidas. Apresentaram um menor desenvolvimento e consequentemente palhas curtas e deficiente “granação” (baixo número de sementes por espiga e/ou espigas curtas). Relativamente ao ano anterior, na Cova da Beira, estimam-se quebras de produtividade da ordem dos 15%, e na Serra da Estrela um aumento de 10%.

Na Campina e Campo Albicastrense, confirmam-se as quebras de produção mencionadas no relatório anterior, decorrentes das adversidades climáticas.

5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a campanha decorreu de forma estável, com produções semelhantes às do ano anterior e sem registo de problemas fitossanitários relevantes.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, nos soutos, as variedades mais precoces já entraram em produção. A comercialização desta primeira castanha tende a ser complicada devido às condições climáticas. A chegada do frio e da chuva fará aumentar a procura deste fruto, nesta zona.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico - início da maturação. As amêndoas encontram-se colhidas; comprova-se um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado; no entanto, algumas árvores estão a morrer, atribuindo-se o facto a um vírus transmitido pela picada de um inseto.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os frutos secos encontram-se em diferentes fases de maturação e colheita. As temperaturas elevadas e a reduzida disponibilidade de água condicionaram o desenvolvimento, o calibre e o enchimento dos frutos, com maior impacto nas parcelas sem rega, nos pomares com disponibilidade hídrica, a evolução foi mais favorável. A avelã, nomeadamente a "*Grada*", e a amêndoa encontram-se em colheita, estando esta mais avançada. Em relação à castanha e à noz, encontram-se próximo da maturação e da colheita. Relativamente à produção ainda é cedo para fazer uma avaliação, no entanto, e face às condições meteorológicas, e ao estado dos frutos, de forma geral, prevê-se que a produção seja idêntica ao ano anterior. A qualidade final e o calibre dos frutos dependerão das condições verificadas até à conclusão da maturação e das operações de colheita.

No Pinhal Sul, em relação às aveleiras, houve uma grande perda de árvores na sequência da tempestade "*Kristin*". Este ano era esperado um ano de grande produção, mas, devido à redução do número de árvores, a produção foi bastante inferior. Os castanheiros apresentam uma grande quantidade de ouriços (figura 11), o que indica uma produção, semelhante à do ano passado. No caso da amêndoa, a produção é superior à registada no ano anterior.

Fig. 11 – Castanha em maturação.



bom desenvolvimento e produção normal, proporcional à sua idade. Os pomares de amêndoa existentes principalmente na Cova da Beira, já terminaram a colheita e estima-se uma produtividade média acima da do ano anterior em cerca de 40%.

Na Campina e Campo Albicastrense, a amêndoa também registou um aumento de produtividade, devido, por um lado, às condições favoráveis do ano agrícola e, por outro ao aumento progressivo da produção dos pomares jovens. Os castanheiros têm carga de frutos semelhante à do ano anterior, prevendo-se produtividade próxima da registada anteriormente.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as variedades mais precoces de citrinos iniciaram a mudança de cor, encontrando-se numa fase de maior suscetibilidade ao ataque da mosca-da-fruta, que provocou danos visíveis em algumas parcelas, embora sem impacto significativo na quantidade global de produção.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as laranjeiras encontram-se no estado – fruto em crescimento, mas com um menor número de frutos por árvore.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, a cultura dos citrinos apresenta reduzida expressão. Nos pomares existentes, o desenvolvimento vegetativo, crescimento e enchimento dos frutos, é condicionado pelas temperaturas elevadas e reduzida disponibilidade de água. Nos pomares com rega, estes efeitos terão sido menores. Prevê-se uma produção semelhante à do ano anterior, embora a evolução das condições meteorológicas e da disponibilidade de água até à maturação possa ainda influenciar o resultado final.

• Pomares de Kiwis e Abacate

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a campanha de colheita do kiwi, está em curso. A produção prevista é idêntica à do ano passado, embora com calibres mais baixos, consequência das condições meteorológicas que limitaram o enchimento final dos frutos. A qualidade é globalmente aceitável, ainda que inferior ao nível registado em anos de maior disponibilidade hídrica.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M – frutos em crescimento. Na Beira Serra, comparativamente com o ano anterior o número de frutos é superior antecipando-se o aumento de produção.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os frutos estão em desenvolvimento e próximos da maturação. As temperaturas elevadas e a pouca disponibilidade de água condicionam o desenvolvimento, pelo que, nos locais onde a rega é reduzida, verifica-se redução no tamanho e no crescimento dos kiwis. Quanto à produção, prevê-se uma ligeira diminuição face ao ano anterior, dependendo principalmente da quantidade de água disponível e das condições meteorológicas até à colheita. De forma geral, prevê-se que a qualidade dos frutos seja boa.

Fig. 12 – Kiwis em maturação.



No Pinhal Sul, o kiwi encontra-se na fase de amadurecimento do fruto (figura 12). A produção deverá ser normal este ano, em termos de qualidade e quantidade.

Nas **zonas do interior**, relativamente à cultura do kiwi, existem já na Cova da Beira novas plantações que ainda representam uma área restrita desta cultura, as quais entrarão em produção este ano.

• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, nos pomares de pomóideas, a pera destacou-se por um aumento significativo da produção face ao ano passado. No entanto, uma parte considerável da colheita ocorreu com frutos demasiado maduros, consequência da rápida evolução da maturação, o que poderá ter impacto negativo na comercialização, quer pela menor capacidade de conservação, quer pela redução da firmeza e resistência ao manuseamento. Nas maçãs, a campanha apresenta comportamentos distintos entre variedades: a *Gala* registou uma produção idêntica à do ano anterior, mas com melhoria evidente da qualidade, refletida em melhor coloração e maior uniformidade dos calibres. Já a *Golden* e a *Fuji* encontram-se ainda em colheita, com produção regular, embora com maior pressão de pragas como a mosca-da-fruta e o bichado, que provocaram estragos superiores ao habitual nas variedades mais tardias, afetando a qualidade comercial e aumentando a percentagem de frutos não aproveitáveis.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico I - fruto em colheita, sendo notório o menor número de frutos por árvores relativamente ao ano passado, no entanto, o calibre é visivelmente superior. A variedade *gala* já finalizou a colheita e a *golden* está em plena colheita. As pereiras encontram-se colhidas, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Os marmeleiros encontram-se no estado fenológico I - fruto em colheita, o número de frutos por árvore é semelhante ao do ano passado.

No Alto e Baixo Dão-Lafões, os pomares de macieiras, encontram-se em fase de colheita das variedades mais precoces, tendo as temperaturas elevadas contribuído para acelerar a maturação dos frutos. Nas parcelas com disponibilidade hídrica os frutos apresentam, de um modo geral, boa qualidade, porém, nos locais onde a disponibilidade de água foi reduzida, podem ocorrer calibres inferiores. Quanto à produção, prevê-se ligeiramente superior face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, grande parte da colheita das diversas variedades de maçãs e peras já foi realizada, com exceção da variedade "*Pink Lady*", por ser uma variedade mais tardia. A produção foi boa, superior à registada no ano passado.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas apresentam um estado vegetativo razoável, prevendo-se que seja um bom ano de produção.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, as pereiras já terminaram a sua produção, estimando-se uma quebra média de 10%. As macieiras estão praticamente com a produção totalmente colhida, restando apenas algumas variedades mais tardias e principalmente na Serra da Estrela. Estimam-se produtividades idênticas ao ano anterior (figura 13).

Fig. 13 – Pomar de Macieiras, Quinta do Brejo (Cova da Beira).





Fig. 14 – Escaldão em maçãs, Quinta do Brejo (Cova da Beira).

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, nas prunóideas, a campanha decorreu de forma regular, com produção semelhante à do ano anterior e qualidade comercial satisfatória, não se registando constrangimentos relevantes.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se colhidos, sendo notório um menor número de frutos por árvore relativamente ao ano passado no Alto Mondego e o contrário na Beira Serra. As ameixeiras encontram-se colhidas e foi igualmente notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita do pêsego encontra-se concluída. As condições meteorológicas verificadas durante o seu desenvolvimento condicionaram o desenvolvimento e o calibre dos frutos, nomeadamente nos locais onde a rega foi insuficiente, no entanto, apresentam boa qualidade. Em relação à produção, prevê-se idêntica à do ano anterior.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, já terminou a colheita dos pessegueiros, nectarinas, alperces e ameixeiras, em ambas as zonas homogéneas. Estima-se um incremento na produtividade de cerca de 150% nas nectarinas e alperces, de cerca de 50% nos pêsegos e de cerca de 35% nas ameixas.

Na Campina e campo Albicastrense, nos pêsegos e nas nectarinas a colheita está concluída. Foi um ano de produção normal, com aumento de produtividade relativamente ao ano anterior.

- **Olival**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os olivais encontram-se de maneira geral com grande quantidade de azeitona para ser colhida, prevendo-se uma boa produção com um acréscimo de 15%.

No Baixo Mondego, as colheitas de azeitona, já se iniciaram de forma muito residual. Os frutos apresentam boa qualidade e quantidade. As oliveiras tratadas estão bem carregadas de azeitona, e encontram-se na fase final do seu desenvolvimento vegetativo. Aparentemente prevêem-se boas produções em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, nos olivais, a colheita encontrase a decorrer. O estado vegetativo é globalmente bom, embora se mantenha a pressão da mosca-da-azeitona, que provocou danos significativos em algumas parcelas, sobretudo nas variedades mais sensíveis e nos olivais menos protegidos. Apesar disso, a produção apresentase equilibrada, com frutos bem desenvolvidos e evolução regular da maturação.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o fruto encontra-se na fase final do amadurecimento, tendo grande parte do fruto já mudado de cor. Estima-se que a colheita comece a partir da segunda semana de outubro nas zonas em que o ciclo se encontra mais adiantado. A nível de quantidade, seria expectável que depois de um 2025 com produções assinaláveis, se tivesse uma redução significativa na produção (agravada pelo corte da rama que habitualmente acontece na zona e pela variedade predominante na zona ser a *galega*). Mas o que tem sido transmitido pelos olivicultores é que as árvores apresentam boas cargas de fruto com calibre médio ou alto, ainda que com alguma heterogeneidade dentro do mesmo olival. Alguma queda de fruto e presença de fruto picado ou gafado, situações habituais na zona, devido aos inúmeros olivais que não são alvo de tratamentos fitossanitários.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico I/J – início da maturação. Como se previu, dadas as condições climáticas favoráveis a um bom vingamento do fruto, verifica-se um aumento de frutos por árvore, o que trará inevitavelmente um aumento de produtividade nos olivais tratados. Na região do Alto Mondego, além de uma área significativa ardida em 2025 no concelho de Seia, observam-se muitas oliveiras sem poda ou tratamentos fitossanitários, nos concelhos de Fornos e de Gouveia, o que independentemente da frutificação, trará para esta região homogénea um decréscimo de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais encontram-se em fase de desenvolvimento e crescimento dos frutos, com acumulação de matéria oleosa e aproximação da maturação. As temperaturas elevadas e a reduzida disponibilidade de água condicionaram o desenvolvimento das azeitonas, sobretudo nos olivais de sequeiro e onde a falta de água foi maior, podendo provocar menor calibre e peso dos frutos, no entanto, em relação à produção, prevê-se um ligeiro aumento face ao ano anterior, apesar da previsão depender das condições meteorológicas, nomeadamente temperatura e precipitação até à maturação e colheita. Relativamente à qualidade, as perspetivas são favoráveis, ainda que, seja um pouco cedo para determinar a qualidade final da azeitona e do azeite. O estado hídrico das plantas nas semanas anteriores à colheita será decisivo para o calibre, estado sanitário e composição final dos frutos.

No Pinhal Sul, em geral este ano poderá haver muita azeitona dependendo da intensidade dos ataques fitossanitários pois já se observa alguma azeitona picada. Há azeitona enrugada denunciando falta de água.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os olivais apresentam um razoável estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, tem-se verificado alguma queda de azeitona devido à falta de humidade e excesso de calor. Contudo, a precipitação ocorrida em finais de agosto, veio contribuir para o engrossamento da azeitona. Estima-se um aumento de produtividade da ordem dos 10% em ambas as zonas homogéneas.

Na Campina e Campo Albicastrense, na azeitona, estima-se um aumento da produtividade, tanto na de mesa como na destinada à produção de azeite. Observa-se o início da maturação da azeitona em alguns olivais, com frutos a apresentar já mudança de coloração (figura 15 e 16).



Fig. 15 - Azeitona em fase de maturação.



Fig. 16 - Azeitona em fase de maturação e com sintomas de deficit hídrico.

Já começou a colheita de alguma azeitona de mesa, nomeadamente das variedades *Cordovil*, *Bical* e *Negrinha de Freixo*, enquanto a colheita das variedades *Galega* e *Cobrançosa* deverá ocorrer mais tarde.

- Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a vindima ainda está a decorrer, prevendo-se um aumento de produção de 5 a 10% em relação ao ano anterior, principalmente na uva branca, contrariamente ao que se previa, e a qualidade da uva também apresentou uma ligeira melhoria. Apesar de perdas muito pontuais por desavinho ou escaldão devido às ondas de calor no verão, as uvas chegaram à adega com uma boa qualidade, ausência de podridão-cinzenta e equilíbrio ácido, contudo, a sua maturação não foi tão homogênea como se previa. Nas uvas tintas, na casta *Touriga*, a vindima ainda está a decorrer, temia-se que o escaldão pudesse afetar a qualidade, no entanto, quando a desfolha é realizada com sabedoria e rigor evita que tal aconteça. Nas castas de bago graúdo estão a ocorrer dificuldades na maturação, mas nas castas de bago miúdo há um bom aproveitamento da humidade matinal para aumentar o teor de açúcar, prevendo-se, um aumento significativo da qualidade em castas tintas.

No Baixo Mondego, a vindima terminou em meados de setembro. As uvas apresentaram boa qualidade. As produções foram superiores ao ano passado tanto das castas brancas como das tintas.

No Pinhal Litoral, na vinha, a produção em peso foi idêntica à do ano passado, mas a qualidade revelou-se superior. A uva encontrava-se mais passada, com maior concentração de açúcares, resultando em mostos com grau superior a 13º, o que representa uma valorização importante para a produção de vinhos de maior qualidade. O estado vegetativo manteve-se regular, sem constrangimentos relevantes durante a fase final da maturação.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vinha terminou o seu ciclo, com a realização da vindima. A precipitação do final de agosto obrigou o viticultor a vindimar logo no início do mês para evitar problemas fitossanitários. Em geral, a campanha decorreu favoravelmente, com boas produções e sem problemas fitossanitários de maior, a realçar. O grau alcoólico tende a ser alto, pela alta concentração de açúcar que se verificava.

No Alto Mondego e na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico J – fruto colhido e em colheita. Dadas as condições climáticas verificadas á alimpa ocorreu muito desavinho, e muitas vinhas sofreram escaldão, o que necessariamente trará uma quebra na produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a vinha encontra-se em fase de maturação final e vindima, com as operações de colheita a decorrer normalmente, de acordo com as variedades e o estado de maturação das uvas, verificando-se uma boa qualidade da uva. Nas situações de maior stress hídrico, verifica-se uma ligeira redução do calibre e do peso dos cachos e bagos, no entanto, as temperaturas elevadas favoreceram a concentração de açúcares. Quanto à produção, prevê-se uma produção ligeiramente superior face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a maioria das vindimas já foi realizada. A produção não foi tão boa como se esperava, sobretudo devido ao calor registado nessa altura, que provocou a secagem de muitos cachos. Como as uvas amadureceram cerca de 15 dias mais cedo, teria sido necessário antecipar a vindima. No entanto, isso não foi possível, uma vez que as adegas ainda se encontravam fechadas.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, contrariamente ao que se previa, deve haver uma pequena quebra na vinha, devido ao estado de tempo verificado, sobretudo o calor excessivo e ausência oportuna de chuva.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, as vindimas em ambas as zonas homogêneas dão-se por findas. Mantêm-se as estimativas das produtividades em ambas as regiões, na Serra da Estrela, uma redução de produtividade de cerca de 10% e na Cova da Beira, um acréscimo de cerca de 20%. Verificaram-se casos de escaldão, mais acentuados em algumas vinhas.

Na Campina e Campo Alcastrense, as vindimas encontram-se concluídas, registando-se um aumento da produção de 15%. A qualidade das uvas é considerada boa, quer a nível do estado fitossanitário, quer do teor alcoólico, que se apresenta favorável.

6-e – Culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol. Estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, as condições meteorológicas registadas, nomeadamente as temperaturas elevadas, aceleraram o desenvolvimento desta cultura, levando a antecipação das colheitas de arroz e contribuindo para controlar os fungos existentes, tendo-se já iniciado as colheitas de arroz que se vão prolongar até ao próximo mês. As produções verificadas têm sido variáveis dependendo das diversas variedades de arroz e da maior ou menor presença de infestantes nesta cultura. Mas ainda é precoce apurar as suas produções em relação ao ano passado.

No Baixo Vouga, a cultura do arroz encontra-se na fase de colheita em alguns locais, prevendo-se valores de produção e qualidade semelhante à última campanha.

No Pinhal Litoral, o arroz evoluiu de forma regular, com povoamentos uniformes e bom desenvolvimento das fases vegetativas. A disponibilidade de água nas zonas de produção permitiu manter a cultura sem constrangimentos, assegurando uma produção estável. A colheita encontrase em fase inicial ou prestes a iniciar, com expectativas positivas quanto à quantidade.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, decorreram as colheitas de feijão, julga-se que por causa da qualidade da semente, o feijão não desenvolveu muito e algum não chegou mesmo a nascer, levando a que as produções fossem inferiores ao ano transato.

No Pinhal Litoral, nas leguminosas de sequeiro, o grão-de-bico manteve um estado vegetativo equilibrado, apesar da falta de precipitação, beneficiando da sua maior tolerância ao calor. O feijão, mais sensível ao défice hídrico, apresentou maior heterogeneidade no crescimento, com plantas de menor porte e menor densidade foliar, ainda assim a produção foi idêntica à do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o feijão colhido, confirma a previsão de uma baixa de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o grão-de-bico, essencialmente de sequeiro, encontra-se no final do ciclo, com a colheita a decorrer ou já concluída nas áreas mais precoces. O feijão encontra-se, maioritariamente, entre a fase de maturação e a colheita, com melhor desempenho nas áreas de regadio. Em relação à produção, prevê-se, tal como referido no relatório anterior, uma produção idêntica para o feijão e uma ligeira redução para o grão-de-bico.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo. O problema maior é nas de sequeiro, devido à ausência de chuva. As de regadio não têm problemas para já. Praticamente estão terminadas as colheitas destes produtos.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a cultura do feijão que nestas zonas homogêneas, praticamente se traduz na cultura do feijão-frade e que se encontra em fase de colheita, apresentou bons desenvolvimentos e densidades razoáveis, deixando antever também boa produtividade, favorecida pela precipitação ocorrida em finais de agosto.

Na Campina e Campo Albicastrense, no feijão-frade a colheita ainda se encontra em curso. As condições do ano têm sido favoráveis à produção, registando-se um aumento da produtividade. Embora a colheita mecanizada esteja a ganhar expressão, a colheita manual continua a ser praticada (figura 17).

Fig. 17 – Colheita manual do feijão-frade.



- **Girassol**

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o girassol, já colhido, apresenta uma produtividade semelhante á do ano passado no primeiro caso e superior no segundo caso.

- **Milho**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a maior parte dos milhos encontram-se na fase final do seu desenvolvimento vegetativo. Iniciaram-se as colheitas de milho de variedade de ciclo longo. Verificou-se uma antecipação das colheitas em relação ao ano passado, devido às condições meteorológicas registadas, onde ocorreram elevadas temperaturas e ondas de calor, que provocaram stress hídrico nas plantas e consequentemente o encurtamento do ciclo vegetativo, que acaba por ter efeitos nefastos em relação às produções da cultura. As colheitas estão a decorrer a bom ritmo, mas irão prolongar-se para o mês de outubro. No geral, os primeiros milhos a serem colhidos obtiveram melhores produções do que os colhidos este mês. O teor de humidade do milho tem sido baixo, reduzindo assim os custos de secagem deste cereal. Ainda é prematuro, o apuramento das produções desta cultura, mas prevê-se que tenha reduzido.

No Baixo Vouga, a colheita do milho grão já teve início, começando por variedades de ciclo curto, havendo ainda áreas por colher, para que o grão fique completamente seco. O milho de sequeiro apresenta produções inferiores à da ultima campanha, contudo o milho de regadio demonstra resultados iguais ao do ano passado em relação à produtividade e área, mantendo produções que rondam os 12-13 toneladas por hectare e com uma qualidade inicialmente afetada pela lagarta-da-folha, combatida quimicamente, que leva aos aumentos de fatores de produção a somar ao aumento dos custos do gasóleo agrícola, registando-se nos valores de 40% nos últimos meses. Os pequenos agricultores da região optaram por cultivar menor área, resultado da descida de preço do último ano no mercado nacional, que ronda os 0,20 €/kg.

No Pinhal Litoral, o milho de regadio apresentou um desenvolvimento vegetativo muito bom, com plantas vigorosas, espigas bem formadas e enchimento regular, refletindo a boa disponibilidade de água para rega ao longo do ciclo. Nas áreas de sequeiro, o crescimento foi mais irregular, condicionado pela ausência de precipitação e pelas temperaturas elevadas, mas sem comprometer de forma significativa a produção. A colheita para silagem já decorre em várias explorações, com quantidades satisfatórias e homogêneas. A colheita ainda não terminou.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o milho já foi colhido apresentando um ligeiro aumento de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o milho encontra-se, maioritariamente, em fase avançada de enchimento do grão, evoluindo progressivamente para a maturação fisiológica. Nas sementeiras e variedades mais precoces, observa-se já perda de humidade do grão e aproximação do início da colheita. O milho de regadio apresenta, de forma geral, maior regularidade vegetativa e produtiva, enquanto o milho de sequeiro evidencia maior heterogeneidade, condicionada pela disponibilidade de água no solo. Relativamente à produção, as previsões são de uma produção idêntica ou ligeiramente inferior ao ano anterior, contudo, a produtividade final dependerá das condições meteorológicas que possam ocorrer. Há ainda a registar o ataque persistente dos javalis.

No Pinhal Sul, a colheita do **milho grão de regadio** está concluída, registando-se uma **quebra na produção** e uma **redução no calibre dos grãos** em comparação com o ano anterior.

Nas zonas do interior, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo. O problema maior é nas de sequeiro, devido à ausência de chuva. As de regadio não têm problemas para já. Praticamente estão terminadas as colheitas destes produtos.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, de uma forma geral, as culturas forrageiras de regadio, assim como, o milho híbrido para grão de regadio (figura 18), apresentam bom desenvolvimento. As variedades de ciclo curto, nomeadamente os milhos miúdos de grão redondo, já se encontram colhidos, com exceção dos semeados tardiamente. Na sua maioria, os milhos híbridos encontram-se todos em fase de colheita, esperando-se produtividades idênticas ou ligeiramente superiores às obtidas no ano anterior.

Fig. 18 – Campo de Milho Híbrido, Celorico da Beira (Serra da Estrela).



As culturas forrageiras de sequeiro, nas quais se incluem as tradicionais milharadas de sequeiro, estiveram dependentes de uma boa preparação do solo por forma a manter a humidade essencial a uma boa germinação e às temperaturas registadas que em bom rigor e principalmente na Cova da Beira, foram excessivamente elevadas, assim como à ocorrência de precipitação para permitir um bom desenvolvimento das culturas.

Na Campina e Campo Albicastrense, dum modo geral, o milho apresenta desenvolvimento normal, esperando-se uma produtividade dentro dos valores habitualmente registados. A localização do milho de sequeiro, sobretudo em zonas baixas e próximas de linhas de água e a precipitação do final do mês anterior contribuíram para o desenvolvimento regular do milho de sequeiro.

• Outras Hortícolas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, de um modo geral, as hortícolas da região são geridas e escoadas pela empresa Friopesca (empresa de referencia, especializada na congelação e distribuição, estabelecendo contratos com os produtores da região para produção de pimento-vermelho, feijão-verde, brócolos ou alho-francês). No entanto, estes produtores confrontam-se atualmente com uma grande falta de mão-de-obra neste setor, onde se perdeu quase metade dos trabalhadores agrícolas a tempo inteiro, principalmente imigrantes, somando à dificuldade no escoamento do seu produto o qual depende exclusivamente da empresa de refrigeração, tornando por vezes demasiado lento e ineficaz. Durante este mês a produção de pimento-vermelho atingiu valores de 40 ton./ha, mas, o seu escoamento lento afetou muitíssimo a qualidade do produto final.

• Tomate para indústria

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, o tomate para indústria apresentou um estado vegetativo bom, com plantas bem instaladas e floração homogénea. A rega regular permitiu compensar a ausência de precipitação, assegurando um enchimento adequado dos frutos. A colheita decorreu com normalidade, com produções mais baixas que o ano passado e de boa qualidade, refletindo a estabilidade hídrica das parcelas irrigadas.

• Disponibilidade de água

De um modo geral, não foi registado nenhum reporte de problemas com a de água para rega e abeberamento dos animais.

Referência, todavia, para a situação potencial em algumas regiões, sobretudo nas zonas de transição e interior, onde quer as nascentes e poços apresentam uma diminuição drástica na reposição da água, havendo mesmo casos de seca total.



9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas zonas do litoral, no Baixo Vouga, mais um ano consecutivo, estamos perante uma campanha da batata nacional de grande prejuízo para os produtores que se veem obrigados a vender o seu produto a preços que não cobrem os custos de produção (cerca de 0,10 €/kg). Foram registados sentimentos de revolta nos produtores, os quais manifestaram o desejo de que o governo português tome iniciativas de fiscalização da disparidade entre preços da batata no produtor e o preço final ao consumidor, que chega a atingir os 500% de diferença. Esta situação já referida em 2025, mantém-se para o setor da batata nacional onde na campanha deste ano, alguma produção nacional ainda se encontra por colher devido à inexistência de clientes e a uma diminuição nas exportações, simultaneamente à existência de stock de batata importada ainda em armazém.

No Baixo Mondego, ainda decorreram ao longo deste mês, as colheitas da batata de regadio, estando terminada. Cerca de 15 ha de batata não foram colhidos, uma vez que a batata não apresentava a qualidade desejada para a indústria, devido aos picos de calor registados no mês de agosto e setembro e também, à presença de grande quantidade de infestantes nesta cultura, nomeadamente a junça. Nas sementeiras mais tardias verificou-se uma redução da produção média por hectare. As colheitas de batata de sequeiro estão concluídas desde junho. Esta batata apresentou boa qualidade e quantidade em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, a colheita da batata de sequeiro e de regadio decorreu de forma regular, sem constrangimentos relevantes, embora com diferenças marcadas entre os dois sistemas produtivos. Nas parcelas de regadio, a disponibilidade de água permitiu um desenvolvimento vegetativo equilibrado, resultando, bom rendimento por hectare e tubérculos de qualidade uniforme, com calibres regulares e boa apresentação comercial. Já nas parcelas de sequeiro, a ausência de precipitação e o calor persistente condicionaram o vigor das plantas e o enchimento dos tubérculos, originando produções inferiores e rendimento mais baixo. A qualidade manteve-se aceitável, mas com maior variabilidade de calibres e maior percentagem de produto não comercializável. No conjunto, a campanha foi positiva no regadio e mais limitada no sequeiro, refletindo diretamente a disponibilidade hídrica e as condições meteorológicas do período. A produtividade da batata de regadio manteve-se idêntica à do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a colheita de batata já terminou. O período de plantação acabou por ser mais longo devido à forte precipitação, que dificultou a preparação dos terrenos e atrasou o início da campanha. Mesmo após uma campanha exigente, marcada por replantações e vários tratamentos fitossanitários, os produtores registaram bons níveis de produtividade. Os calibres foram razoáveis, tendo em conta os picos de calor ocorridos em julho, que condicionaram o desenvolvimento final dos tubérculos.

Nas zonas homogêneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de regadio, já colhida, confirmou um maior número de tubérculos por planta e com maior calibre que o ano passado, e contrariamente ao esperado, apesar de aparecerem na colheita batatas já podres, houve um ligeiro aumento de produtividade no caso da Beira Serra.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a colheita da batata decorreu normalmente, encontrando-se, no geral, concluída. A qualidade é boa, em geral. Quanto ao rendimento, a produtividade da batata de sequeiro é estimada em cerca de 3 847 kg/ha no Alto Dão-Lafões e 3 848 kg/ha no Baixo Dão-Lafões. Para a batata de regadio, estimam-se produtividades de aproximadamente 14 671 kg/ha e 12 216 kg/ha, respetivamente. Estes valores traduzem, de forma geral, um desempenho produtivo próximo do verificado na campanha anterior.

No Pinhal Sul, a batata de sequeiro teve boa produção, mas semelhante ao ano anterior; já a de regadio teve produção superior ao ano passado. A qualidade registada foi boa.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba quer em Cimo Côa, está praticamente terminada a colheita da batata, quer de regadio quer de sequeiro, tendo-se obtido bons resultados em todos os aspetos. As colheitas decorreram normalmente, sendo o problema mesmo o escoamento, dado que quase não tem procura, apesar do baixo preço. Não se prevê alteração da produção/rendimento em relação ao ano anterior.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, a batata de sequeiro, representa cada vez menos área, uma vez que, na maioria dos casos, tem que se proceder à rega da cultura devido à ausência de pluviosidade e consequente humidade no solo. Nas áreas restritas que a cultura ocupa, foram obtidas produções inferiores em cerca de 20%. Na batata de regadio que para além da sua representatividade nas hortas familiares, tem uma vertente de cultura profissional, com produções ligadas à indústria, e ao consumo, continua a decorrer o seu arranque em ambas as zonas homogéneas, estimando-se produtividades superiores aos valores de 2025.

Na Campina e Campo Albicastrense, a colheita das batatas, tanto de regadio como de sequeiro está concluída. Em ambas as culturas, verificou-se a manutenção da área cultivada e um aumento da produtividade.

ANEXO I

Zonas Homogêneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)		
			01 a 30/09	01 a 30/09	Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Águeda	47,8	5	29,7	13,3	22,4
		Anadia	1,2	4	30,5	14,6	21,4
		Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	8,0	9	29,7	13,0	20,4
		Soure	4,8	13	29,5	14,0	20,6
		Coimbra	1,8	3	32,7	12,1	21,8
		Montemor-o-Velho	-	-	-	-	-
		Coimbra	1,6	5	31,3	12,6	20,7
	Pinhal Litoral	Batalha	0,0	0	30,6	13,6	21,0
		Leiria	0,6	2	29,8	16,0	21,7
		Porto de Mós	0,4	2	33,1	18,2	25,5
		Alcaria	1,2	2	33,1	13,7	21,9
		Pombal	15,4	6	33,2	15,6	22,7
		Leiria	0,2	1	30,4	13,4	20,9
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	0,8	1	37,5	11,6	23,1
		Miranda do Corvo	-	-	-	-	-
		Ansião	3,6	4	32,4	15,2	22,5
	Beira Serra	Nelas	10,6	2	36,7	19,2	27,3
	Alto Dão-Lafões	Viseu	13,2	3	31,5	13,5	21,7
	Baixo Dão-	Tondela	14,4	6	33,5	15,7	23,2
	Alto Mondego	Gouveia	0,0	0	33,7	13,8	23,2
		Sertão	0,0	0	32,5	14,1	22,4
		Proença-a-Nova	0,6	1	35,2	19,4	26,5
		Oleiros	0,0	0	32,3	16,3	23,4
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	1,8	1	34,3	12,6	22,8
		Pinhel	2,8	2	32,1	9,2	19,9
		Trancoso	2,4	2	29,9	15,2	21,6
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	0,8	1	32,5	11,1	21,2
		Guarda	0,8	2	33,0	13,2	22,5
	Cimo Côa	Sabugal	0,0	0	30,5	11,2	20,0
		Almeida	1,6	1	30,8	13,2	22,2
	Cova da Beira	Belmonte	0,0	0	33,5	10,3	21,1
		Covilhã	0,0	0	34,5	11,3	21,9
		Fundão	Brejo	0	33,2	13,7	23,3
			Alcongosta	0	31,5	18,0	23,8
			Fadagosa	0	34,4	17,0	25,6
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	0,0	0	36,3	13,0	24,5
		Penamacor	0,0	0	33,4	12,3	22,3

Fonte: EMMA.F. - R.G.A. - R.I.F.M.F.

e) AEGOTEM

* de 01/09 a 23/09 ** de 01/09 a 29/09

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS															
02/10/2026															
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				% ao NPA	Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias		
						Cota actual	Actual (hm3)	Ultima leitura (hm3)	Varição (hm3)		Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	102,85	0,089	0,089	0,000	87,3%	0,085	86,8%	não	não	n.a.
Castelo Branco	Maguelja	353,50	0,134	0,000	0,134	348,80	0,029	0,036	-0,007	21,6%	0,029	21,6%	não	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	682,85	1,227	1,249	-0,022	55,8%	1,177	55,8%	não	não	não
Mortágua	Madeira	143,60	0,946	0,026	0,920	140,60	0,650	0,670	-0,020	68,7%	0,624	68,7%	não	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	475,27	0,010	0,012	-0,002	8,5%	0,006	8,5%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	573,00	2,766	2,830	-0,064	56,8%	2,583	56,8%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	799,08	0,496	0,500	-0,004	58,1%	0,292	58,1%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	109,95	1,270	1,270	0,000	72,7%	1,270	72,7%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	124,17	1,520	1,638	-0,118	39,1%	0,929	39,1%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	545,23	0,453	0,458	-0,005	76,9%	0,420	76,9%	não	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354		8,510	8,752		54,5%	7,415	55,1%			
OBSERVAÇÕES/OUTROS:															
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico															
Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.															
Fonte: CCDRC/DIGRH															



WWW.CCDRC.PT

